

A HUMANIDADE DE MARCOS COSTA LIMA

THE HUMANITY OF MARCOS COSTA LIMA

Debhora Fernanda Custódio Bento | debhorafernandabento@gmail.com | Bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e curadora da Coordenadoria de Estudos da Ásia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Maria de Jesus de Britto Leite | maria.bleite@ufpe.br | Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo/ Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Urbano-MDU-UFPE e coordenadora do Centro de Estudos Avançados (CEA) da UFPE

Recebimento do artigo Setembro de 2022 **Aceite** Novembro de 2022

Resumo: O presente artigo tem por objetivo revelar o olhar humanizado e o desejo por justiça social como os elementos que permaneceram constantes nas reflexões e ações de Marcos Costa Lima na sua atuação como docente e pesquisador. As vivências, que possibilitaram a construção de seu olhar, e as múltiplas linguagens que utilizou para expressar sua sede por equidade social são discutidas no texto. Alguns dos trabalhos e temas, no campo da economia política do desenvolvimento, são aqui abordados, como forma de acompanhar a trajetória de seu olhar. Ao tratar do senso de justiça social de Costa Lima, o artigo tenta demonstrar como esses valores, nele presentes, contribuíram para um fazer pesquisa de forte cunho social.

Palavras-chave: justiça social; Costa Lima; economia política do desenvolvimento; equidade social.

Abstract: This article aims to reveal the humanist perspective and the desire for social justice as the elements that remained constant in Marcos Costa Lima's reflections and actions in his work as a teacher and researcher. The experiences that enabled the construction of his view and the multiple languages he used to express his thirst for social equity are discussed in the text. Some of the works and themes in the field of political economy of development are addressed here, as a way of following the trajectory of his view. By dealing with Costa Lima's sense of social justice, the article aims to demonstrate how these values present in him, contributed to research with a strong social nature.

Keywords: Social justice; Costa Lima; political economy development; social equity.

1. INTRODUÇÃO

A nossa existência ganha muito mais sentido quando nos permitimos experienciar o mundo a partir do entendimento de que nossas ações não se encerram em nós mesmos. Somos seres coletivos e a possibilidade da partilha, do contato com o outro nos permite desenvolver nossa humanidade. A consciência de que é preciso desviar do egoísmo e de se perceber como parte de um todo se fez presente em Marcos Costa Lima ao longo de sua caminhada – no jovem Marcos que lutou pela democracia contra a ditadura militar, no professor que estimulava o livre pensar, no pesquisador que tinha como prática um fazer pesquisa de forte cunho social que envolvia o exercício do diálogo para além dos “muros” da universidade, como o contato com as bases, com os movimentos sociais. Assim, pensamos que falar sobre o olhar que Costa Lima imprimiu ao mundo através de seus trabalhos é antes de mais nada um convite a nos reconectarmos com nossa humanidade.

Vivemos num sistema que insiste em nos reduzir ao que consumimos, ao que temos em detrimento daquilo que somos, que insiste em tratar pessoas, terra e água como mercadorias – movimento feito pelo grande capital que muitas vezes encontra apoio em elites políticas locais em países periféricos como o Brasil – expulsando pessoas de seus territórios como os ataques às populações quilombolas, aos povos indígenas sob um discurso de ódio. Sobretudo nesses tempos, se faz necessário o resgate da gentileza, da generosidade, da disposição à luta social, do compromisso social, características tão presentes em Costa Lima, que faz com que sua ausência física seja ainda mais sentida e que seus trabalhos sigam tão relevantes.

Ao longo de sua trajetória como pesquisador e docente atuou em diversos projetos, ministrou cursos na graduação e pós-

graduação, foi consultor, esteve à frente e/ou foi membro de Associações, Centros de pesquisa e Redes ligadas não só à Ciência Política, mas às Ciências Sociais como um todo – uma vez que, entendia que as Ciências Sociais se justificavam no exercício de compreensão e compromisso com o real. Marcos se distanciava, portanto, da especialização do pensamento. E a amplitude de seu olhar, curiosidade intelectual e consciência permitiu que trabalhasse em diversos temas: Teorias do Desenvolvimento/Subdesenvolvimento, Desenvolvimento latino-americano, a Questão Regional Brasileira, Tecnologia sob a luz de projetos de desenvolvimento, BRICS, Questão Asiática, Desenvolvimento Chinês, Questão Ambiental, Estrangeirização de Terras, Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, dentre outros. Diante da pluralidade de trabalhos desenvolvidos, levantamos as seguintes questões: há um fio condutor no pensamento de Costa Lima? É possível observarmos uma constante em seu pensamento diante de tantos trabalhos nos mais variados temas?

Nessas breves linhas já sinalizamos a atuação de Costa Lima em áreas distintas do saber, mas é importante ressaltar que essa pluralidade não o levou para um lugar comum ou de superficialidade nos temas abordados. Pelo contrário, ela pode ser lida como efeito da curiosidade e amadurecimento intelectual, sendo acompanhada do comprometimento e seriedade com a realidade, que lhe era de costume e, conseqüentemente, com os trabalhos que se propunha a desenvolver – não por acaso a robustez de sua obra. Além disso, ele apreciava a democratização do conhecimento e era habilidoso no estabelecimento de pontes, unindo pesquisadores diversos em prol de um fazer pesquisa com forte compromisso social.

O presente artigo não tem a pretensão de passar por todos os temas trabalhados por Costa Lima ou de fazer uma revisão de literatura apurada de toda sua obra, que como vimos, é extensa e profunda. Decerto, neste documento abordaremos trabalhos por ele produzidos e transitaremos por algumas de suas obras, mas faremos esse movimento com o objetivo de lançar luz a pergunta que fizemos acima sobre o fio condutor de seu pensamento. Entendemos que as questões que aqui foram colocadas encontram respostas no olhar que Costa Lima lançava para o mundo: de inquietação diante de tantas desigualdades e do desejo vivo por justiça social. Mas a construção desse olhar e a busca por justiça social não são questões tautológicas, ou seja, elas não pairam no seu imaginário sem razão como poderá ser observado ao longo deste artigo.

Diante do exposto, num primeiro momento falaremos das vivências e interesses que estão diretamente atrelados a construção desse olhar humanizado e comprometido com as causas sociais. Posteriormente, visitaremos algumas de suas obras que têm relação com a questão do desenvolvimento – pensado para além dos aspectos econômicos – na tentativa de revelar a justiça social como a constante do seu pensamento e ação. Por fim, as considerações finais, que é antes de tudo um convite ao leitor para re(visitar) os trabalhos de um pensador que se dedicou e valorizou profundamente o conhecimento, mas sem perder de vista que os saberes têm que estar a serviço da transformação social para que seja possível prospectar e construir uma realidade mais democrática, humana e justa.

2. A CONSTRUÇÃO DO OLHAR

De acordo com Brym et al (2008), a constituição do nosso sentido de self, ou seja, da nossa identidade, ocorre em paralelo ao processo de interação social e de internalização de nossa cultura. A ideia de quem somos, nossa personalidade, se constrói à medida que interagimos com o outro. É no processo de socialização, portanto, que vamos nos constituindo como seres capazes de desenvolver nossas potencialidades humanas. A contribuição sociológica mais relevante de Freud, ainda de acordo com Brym et al (2008), foi enfatizar que “O self emerge a partir das interações sociais na primeira infância e que as experiências da primeira infância exercem um impacto duradouro no desenvolvimento da personalidade” (BRYM et al, 2008, p.110). Sabemos que há outros importantes agentes de socialização que exercem forte influência no desenvolvimento da personalidade, e aqui não é nosso objetivo mensurar o efeito ou o grau de importância de cada um desses agentes na constituição do senso de identidade. Mas reconhecemos que a formação do self passa por relações face a face possíveis já no núcleo familiar, na socialização primária – ainda que não exclusivamente – que exerce forte impacto na constituição da personalidade do indivíduo. O núcleo familiar de Costa Lima nos dá pistas interessantes para compreender traços de sua identidade e de sua forma de ser, estar e agir no mundo.

Sua vida e obra nos revela um homem que respeitou e lutou pela democracia, por justiça social, pelo respeito ao bem comum e pela valorização da terra que devia ser entendida como fonte de vida. Fazemos parte de um todo. Portanto, nossas ações devem ser pensadas a partir dessa consciência. Nesse sentido e em tantos outros, ele defendia a necessidade de uma melhor distribuição de renda

que passava, dentre outros aspectos, pela necessidade de investimentos em educação – não só nas faculdades públicas, mas desde a base, na educação primária pública – pela necessidade da desconcentração de terra, bem como por um projeto de desenvolvimento que elencasse objetivos nacionais capazes de priorizar o conjunto da população. As ideias progressistas de Costa Lima encontram referência em Oswaldo Lima Filho, seu pai, e homem público, a quem ele dedica sua tese de doutoramento definindo-o como

... um político brasileiro com espírito público, que exerceu a política com dignidade no sentido que atribui Hannan Arendt. Se considerava um socialista - Fabiano; e dedicou grande parte de sua vida, de sua energia, a combater as injustiças sociais, a intolerância, a prepotência, a impunidade, ainda tão presente entre nós. Lutou por um país, onde todos pudessem usufruir dos frutos do trabalho e da criatividade humana. (COSTA LIMA, 1998, p. xii)

Oswaldo Lima Filho era advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife, onde bacharelou-se em 1943. Atuou na política brasileira como deputado estadual na Assembleia Legislativa de Pernambuco, no Congresso Nacional com algumas legislaturas como deputado federal e foi ministro da agricultura no governo Jango assumindo a pasta em 1963. Ao longo da sua trajetória política atuou na defesa da soberania nacional em temas como “‘O petróleo é nosso’, a ‘Reforma agrária’ o ‘Nacionalismo’, a ‘Autodeterminação dos Povos’ e a ‘Não intervenção em países estrangeiros’” (MONTEIRO FILHO, 2001, p. 9).

Em 1947, já como Deputado estadual de Pernambuco pela legenda PSD, Lima Filho participou da elaboração da constituição estadual. No ano anterior chegou a acompanhar seu pai Oswaldo Lima – Deputado federal e constituinte – nos debates da constituinte de 1946. Nas palavras de Lima Filho “assisti durante os meses de maio a julho de 1946 os trabalhos e fui assíduo frequentador das galerias da constituinte, ora no plenário, ora na Grande Comissão Constituinte” (LIMA FILHO, 1993, p. 57). Oswaldo Lima Filho esteve desde cedo atento às questões políticas do país e imbuído de espírito público atuou na defesa dos interesses nacionais.

Em seu mandato na Assembleia Legislativa de Pernambuco atuou nas diretrizes da Constituição Pernambucana de 1947 ao lado de deputados como José Francisco Cavalcanti do PCB e outros deputados como Luiz Magalhães Melo, Paulo Germano de Magalhães e Torres Galvão do (PSD) e dos deputados Mário Lira e Carlos Rios da UDN. As diretrizes de cunho social ali estabelecidas foram possibilitadas pelo espírito progressistas dos parlamentares do PSD ora citados, da aliança com o PCB e do apoio dos parlamentares da UDN, já mencionados, segundo Lima Filho (1993). É válido ressaltar que na constituição Pernambucana de 1947 iniciativas frente a reforma agrária foram realizadas e algumas diretrizes em vista da desconcentração de terras foram estabelecidas como

A previsão da desapropriação de terras para venda de lotes a pequenos agricultores (art.102) e das terras inexploradas ao longo das rodovias e ferrovias e a desapropriação prévia das terras beneficiadas com açudes, a promoção do reflorestamento, combate à monocultura, o zelo pelo direito dos trabalhadores, estabelecendo ainda a exclusividade para brasileiros na colonização da margem do rio São Francisco. (LIMA FILHO, 1993, p.67)

As ações de Oswaldo Lima Filho diante da questão fundiária não se encerram na sua participação na constituição Pernambucana de 1947. Em sua atuação como ministro da agricultura no governo Jango, em 1963, estabeleceu iniciativas em benefício do trabalhador rural, como o estímulo à produção do pequeno e médio agricultor. Além disso, a criação de espaços pilotos de democratização de conhecimento e formação de consciência política a exemplo dos centros pilotos implantados em três cidades brasileiras em que camponeses tiveram acesso a debates sobre reforma agrária e aulas realizadas por professores e técnicos. Essas e outras ações de combate às desigualdades no campo foram interrompidas e inviabilizadas com a instauração do golpe militar em 1964 (LIMA FILHO, 1993).

Oswaldo Lima Filho, como visto, foi ministro da agricultura no governo João Goulart, assumindo a pasta em 1963 até 1964, quando do golpe militar no Brasil. No dia 3 de abril de 1964, fez um discurso¹ na Câmara Federal demonstrando seu repúdio às forças do atraso que se instalaram naquele momento histórico. Em mais um momento de sua vida política se coloca a favor da democracia, sendo contrário, portanto, ao regime militar. Fez oposição ao regime militar, e na instauração do bipartidarismo se filiou ao MDB. Ele teve seu mandato parlamentar cassado em 1969 devido ao Ato Institucional nº5 (AI- 5). Após o bipartidarismo, ele se filiou ao PMDB e seguiu com a vida pública até 1991.

A dedicação e energia de Costa Lima frente a uma sociedade mais justa encontra em seu pai e em seu avô referências não só do ponto de vista cognitivo – quando do exercício reflexivo sobre as causas da desigualdade –, mas também do ponto de vista prático, do

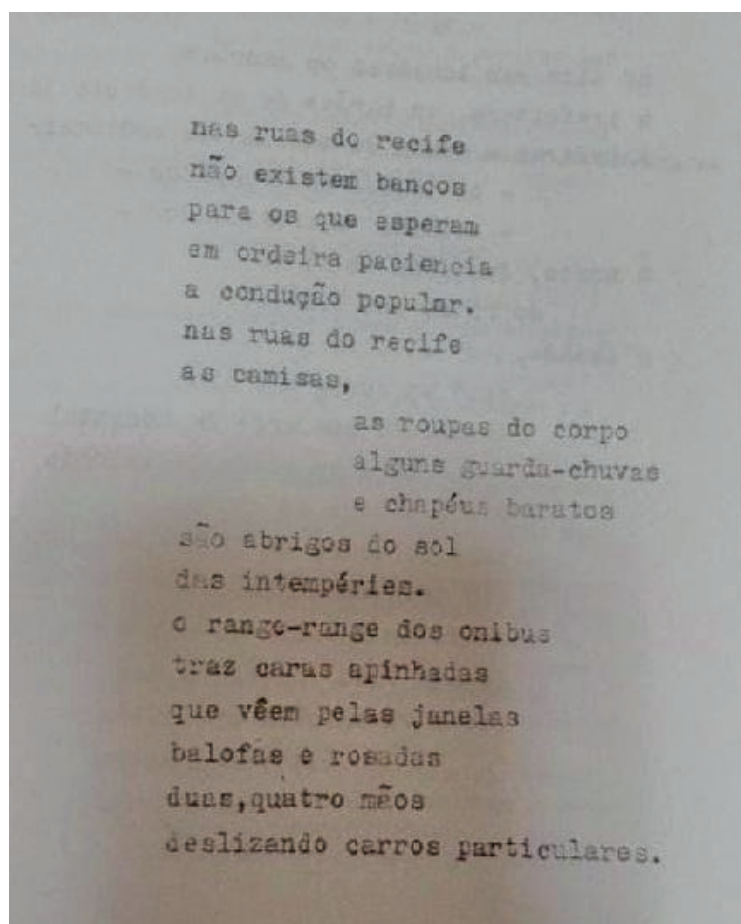
¹ É possível conferir o discurso no livro Política Brasileira 1945-1990 uma visão nacionalista de autoria de Oswaldo Lima Filho.

agir no mundo em defesa da democracia e de vivências mais humanas para o conjunto da população. O olhar e desejo por justiça social que o acompanhou e seus antecessores passava pela necessidade de lutar, cada um à sua maneira, por um território mais democrático, por soberania nacional, por um projeto de desenvolvimento que garantisse uma vida mais digna às pessoas. O entendimento de que é necessário lutar por um projeto de nação que assuma o compromisso no combate às desigualdades sociais provocadas, em grande medida, pela concentração fundiária estava tanto em Lima Filho quanto em Costa Lima e a ação de ambos caminharam por este enfrentamento.

O conhecimento e democratização também é uma forma de fazer política e de contribuir para que outra realidade seja possível. Os cerca de 400 artigos em periódicos e em capítulos de livros, os livros por ele organizados, as pesquisas e projetos desenvolvidos nos mostram uma trajetória de dedicação a temas caros para pensarmos e agirmos na construção de um território mais democrático. Nos últimos anos, Costa Lima estava cada vez mais interessado nas questões ambientais, crise climática e ecologia. Trabalhou ainda com temas como Estrangeirização de Terras, Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Após trabalhar com uma pluralidade de temas, volta à questão da terra como se retomasse as preocupações de quem o antecedeu.

O imaginário de Costa Lima foi permeado, desde cedo, pela busca por equidade social e isso o levou a um caminho muito próprio de temas estudados e trabalhados de pesquisa. A sua sensibilidade às questões sociais lhe foi acompanhada por uma multiplicidade de linguagens que ele experimentou com liberdade consciente, criando poemas, editando revistas, escrevendo textos científicos. Suas vivências representam um estilo de vida que incluía gosto pela arte, filosofia, literatura, pelo debate de ideias, pelas lutas sociais e de emancipação, como afirmou seu irmão Gustavo Lima, em homenagem póstuma.

Na poesia expressa suas emoções e inquietações, como no trecho de seu poema Cidade de Sítio 1977/78 em que ele trata do cotidiano das pessoas, das desigualdades sociais de um Recife da década de 1970, mas que ainda nos diz muito do Recife de hoje.



Do mesmo modo como Costa Lima transitou da poesia às ciências sociais, ele também transitou nos estudiosos da História e nos filósofos, assim como na Mitologia. Importa muito nesse esforço de resgatar sua construção do olhar, a atenção e cuidado para com o mundo socialmente e sensivelmente justo como ponto de iluminação do caminho. Isso é possível perceber até nas suas últimas leituras de cabeceira: lá encontramos “Orações de Cícero”² convivendo pacificamente com “A essência do Sutra do Coração”³ do Dalai Lama, por exemplo. E, sendo o Budismo aquela filosofia que prega a atenção plena a todos os seres sencientes, que prega a garantia de bem-estar a todos, a construção do olhar, em Marcos, novamente afirma a coerência aqui já registrada de ter como norte a vida digna, a superação das desigualdades. Isso desde o esforço tão difícil, dentro da Academia, de superar o perigo do orgulho, ao adotar o entendimento de que se deve reverenciar o ensinamento e não o professor⁴, até sua disposição de estar sempre envolvido com os movimentos sociais.

Seja na poesia, nos trabalhos acadêmicos, nas conversas ou nos gestos gravados em quem com ele conviveu, há o cuidado e a sensibilidade de quem experienciou o mundo com o olhar atento e respeitoso ao outro, às questões sociais, ao debate de ideias, aos valores democráticos e humanos. Era algo que fazia parte dele, na vida cotidiana, nos momentos de lazer, nas preocupações com sua responsabilidade como professor.

Costa Lima era um professor com sensibilidade aguçada e interesse genuíno no desenvolvimento de cada um de seus alunos. De uma enorme capacidade de escuta e aberto ao diálogo, ele entendeu de maneira singular o papel do verdadeiro formador que é de estimular a imaginação, a capacidade crítica e as potencialidades – não só técnicas, sobretudo humanas – de seus alunos, contribuindo para que cada um deles pudesse compreender seu papel de agente transformador rumo a uma sociedade mais justa. Costa Lima era um grande incentivador e essa é uma das suas louváveis características que lhe acompanhou independentemente do papel social que assumisse, seja como professor, pesquisador ou amigo.

Nas relações respeitadas de partilha e escuta sincera com seus alunos – ao lançar luz às potencialidades de cada aluno, estimulava um a um a imprimir o seu melhor para o mundo ao mesmo tempo em que os fazia entender que o conhecimento deve estar a serviço da transformação social. Ao fazer esse movimento, Costa Lima demonstrava o cuidado e o respeito ao outro, fortalecendo através de sua generosidade, cada um que estava à sua volta. Além disso, demonstrava, através do exemplo, a necessidade de desviar do ego – que infelizmente ainda se faz presente em espaços de poder como na academia – para que o conhecimento possa ser, de fato, libertador.

Como pesquisador incentivava o fazer pesquisa com forte compromisso social e era habilidoso no estabelecimento de pontes entre pesquisadores e pesquisas que assumem essa perspectiva. Não por acaso estabeleceu parcerias diversas em temas de pesquisa e projetos trabalhados. As parcerias aconteciam de maneira orgânica sendo possível, em boa medida, pelas já referidas características marcantes de Costa Lima: a boa capacidade para o diálogo, a gentileza e o interesse genuíno por justiça social.

Adiante trataremos de alguns dos temas e/ou trabalhos desenvolvidos por Costa Lima como forma de acompanhar a trajetória do seu olhar e suas preocupações em relação às questões sociais.

3. A TRAJETÓRIA DO OLHAR

O olhar atento de Costa Lima às questões sociais e sua inquietação frente às desigualdades de toda ordem fazia com que ele estivesse do lado oposto dos discursos deterministas e de manutenção do status quo. Suas ações na pesquisa e no ensino eram impulsionadas pelo desejo de prospectar e agir em prol de uma realidade mais inclusiva e isso pode ser percebido nos livros, nos artigos e projetos de pesquisa por ele desenvolvidos. A preocupação em aproximar os movimentos sociais, a sociedade civil da academia – e com isso impulsionar a democratização do conhecimento, bem como ouvir e aprender com esses movimentos, humanizando, dessa forma, o espaço acadêmico – foram sua prática cotidiana. O alinhamento entre suas palavras e ações fascinava pela força e verdade no que se propunha a desenvolver.

Costa Lima se dedicou com afinco ao estudo sobre Região e Desenvolvimento. Como professor da Universidade Federal de Pernambuco coordenou o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Região & Desenvolvimento (D&R) no departamento de Ciência Política da UFPE – o D&R, em atividade desde 1999, se constituindo num espaço de democratização do conhecimento contribuindo na formação de

² Editora: WMW.JACKSON, 1949

³ Pode ser encontrado pela editora Gaia.

⁴ O Budismo prega isso. Mas, bem antes de sua incursão nessa filosofia, o que se percebe é que Marcos sempre botou o conhecimento à frente do conhecedor.

diversos alunos, professores e pesquisadores que viam nele uma referência no estudo de Desenvolvimento/Subdesenvolvimento pensados a partir de uma análise mais ampla e crítica dos termos, logo, a partir da perspectiva de autores como Celso Furtado, por quem Costa Lima sempre revelou admiração, respeito e importância na sua formação e para o pensamento social brasileiro.

As atividades no âmbito do D&R resultaram no desenvolvimento de uma série de projetos, seminários, artigos e livros em parceria com alunos e pesquisadores das mais diversas áreas e programas de pós-graduação. Sua gentileza e generosidade é enfatizada e reconhecida por seus alunos. Marcos era um formador que entendia a Universidade pública como um espaço em que o diálogo, o debate de ideias, têm que ser garantidos. E nesse espaço de respeito ao outro, ele estimulava o livre pensar e a produção de seus alunos fazendo-os entender que o papel do formador e pesquisador está para além dos debates em seus “círculos” tem que estar, portanto, além dos “muros” da universidade, sendo preciso que haja contribuição social.

As reflexões sobre os caminhos de saída para as desigualdades estavam no seu imaginário desde cedo e foram expressas, como vimos, em linguagens diversas. No âmbito acadêmico, o olhar humanizado e a busca por justiça social permanecem constantes ao longo de sua trajetória profissional, podendo ser evidenciado seja nos seus primeiros trabalhos sobre O Nordeste e a questão Regional Brasileira – o debate sobre as assimetrias regionais brasileira e discussão sobre o atraso social e econômico do Nordeste – até nos estudos mais recentes sobre a questão asiática e o desenvolvimento Chinês – em que Costa Lima assumia a curiosidade intelectual em compreender como a China resgatou da pobreza milhares de pessoas num relativo curto espaço de tempo. Ao longo do texto, pretendemos acentuar esse olhar em cada um dos temas e/ou trabalhos aqui mencionados.

O olhar atento e sensível às questões sociais lhe foi acompanhado de um agir no mundo de forma assertiva e contrária ao determinismo e aos discursos fatalistas que insistem em colocar economias subdesenvolvidas num local de subalternidade. Um país ou região subdesenvolvida, para Costa Lima, pode ser muito mais do que apresenta, portanto, é preciso contestar posições e ideias que queiram nos limitar. Não por acaso, ele era contrário às ideias e conceito de David Ricardo que tratava de uma suposta “vocação natural” das economias – conceito esse que reforçava um lugar de subalternidade aos territórios subdesenvolvidos. De acordo com Costa Lima (2018 a), “uma nação pode querer ser mais do que ela apresenta, mas ela precisa ter uma série de pré-requisitos: uma nação precisa ter projeto, precisa ter uma comunidade que abrace esse projeto e queira levar adiante esse projeto”⁵. O professor Costa Lima demonstra que não devemos nos contentar com o que está posto. A desigualdade ou a condição de subdesenvolvimento não são porque são. É preciso contestar as concepções tautológicas e alimentar a consciência crítica questionando o estado das coisas.

Que desenvolvimento queremos? Quais as causas do subdesenvolvimento e quais os caminhos de sua superação? Ao analisar os trabalhos de Costa Lima, podemos perceber como essas questões estavam presentes nas suas reflexões: seja nos trabalhos sobre o aprofundamento das desigualdades na América Latina do final do século XX – com o pacote neoliberal estabelecido para região e todo cenário de aumento de nossa dependência e das limitações da soberania nacional dos países da região frente ao cenário de crise; seja quando ele tratou da globalização, dos processos tecnológicos, em que resgata a necessidade de refletir sobre o tipo e a qualidade do desenvolvimento em países periféricos; ou mesmo quando, mais recentemente, escreveu sobre o processo de estrangeirização de terras, sobre as violências no campo diante da expulsão de minorias sociais, como quilombolas e indígenas, devido ao movimento do grande capital que entra em conformidade com as elites políticas locais. Costa Lima, em qualquer um desses enfoques, nos chama a refletir sobre que tipo de desenvolvimento queremos, sobre o projeto de nação que desejamos e nos alerta, ainda, sobre a necessidade da luta pela soberania nacional e o dever de agir em defesa dos interesses nacionais que passam pela garantia de uma vida digna para o conjunto da população.

Em suas reflexões, reconhece a relevância da Comissão Econ mica para América Latina e o Caribe (Cepal), dos trabalhos de Prebisch, de Celso Furtado para os estudos do Desenvolvimento/Subdesenvolvimento e afirma que a incorporação de contribuições de autores como Hirschmann e Myrdal foram importantes para a temática (COSTA LIMA, 2011a).   a partir da contribuição de pensadores, como os autores ora citados, que propõem refletir sobre o desenvolvimento para além da questão econ mica e que não aceitam as posições conservadoras, que Costa Lima traz à tona seu pensamento sobre o processo de subdesenvolvimento.

No entendimento de que o subdesenvolvimento é um processo histórico aut nomo, ou seja, que não se constitui numa etapa

⁵ Fala de Marcos Costa Lima em entrevista ao programa Opinião Pernambuco em outubro de 2018, que teve como tema América Latina: Continente em Conflito. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WpO3wiTa8nU>>

necessária até chegar a uma fase superior de desenvolvimento, Costa Lima resgata a obra de Celso Furtado. Portanto, ambos se afastam das concepções de autores neoclássicos – uma vez que, os neoclássicos entendiam o desenvolvimento como um processo uniforme. As discussões sobre Desenvolvimento/Subdesenvolvimento, a compreensão que o desenvolvimento não pode ser reduzido a ideia de crescimento econômico, tendo em vista que crescimento da renda não garante necessariamente que haja melhoria nas condições de vida do conjunto da população, estiveram presentes nas análises de Furtado e que Costa Lima traz à tona em suas reflexões sobre que tipo de desenvolvimento queremos para nosso País e/ou Região.

Em suas análises sobre o processo de Desenvolvimento/Subdesenvolvimento de uma nação ou região, ele falava da importância da história, assumindo referência em Furtado. Refletir sobre as desigualdades sociais em territórios periféricos como Brasil passa por reconhecer os processos históricos que nos mostram um país que teve como características de sua formação social e econômica o tripé monocultura, mão de obra escrava e latifúndio, refletindo em desigualdades sociais que se colocam como desafios a serem superados. Essas reflexões e a importância que atribui a história em suas análises podem ser observadas em seus escritos – como demonstraremos adiante – e/ou nos cursos que ministrou – e se aqui não temos como falar um a um, exemplificaremos com o curso de História do pensamento político brasileiro. Essa disciplina, ofertada aos alunos da graduação de Ciência Política da UFPE, quando ministrada por Costa Lima, ele nos⁶ apresentava o pensamento político brasileiro e estimulava as reflexões sociais, políticas e econômicas a partir da análise de momentos e características históricas do nosso país que iam desde o processo de formação social brasileira, passando pela criação do Estado moderno e dos modelos de desenvolvimento do século XX. As aulas eram tocantes e fascinavam a todos que tivessem sensibilidade social. Costa Lima apresentava para jovens estudantes das Ciências Sociais o Brasil profundo, as potencialidades de nosso povo – ainda que não deixasse de sinalizar nossos entraves econômicos, sociais, culturais e políticos.

O olhar e o desejo por uma sociedade mais justa estavam em seus escritos, em suas pesquisas, mas também nas relações face a face com seus alunos, durante suas aulas, em que ele nos fazia visualizar um Brasil que pode ser. E esse movimento soava para muitos de seus alunos como um convite a se enxergarem como agentes transformadores, uma vez que o ensino, a pesquisa, a educação, a ciência são elementos e instrumentos fundamentais rumo a uma sociedade mais democrática. E isso, ao nosso entender, é por si uma atitude potente e transformadora e que nos diz muito sobre o olhar e agir de Costa Lima no mundo.

Em seus escritos, a questão da luta pela soberania nacional e o desejo por um projeto de nação que levasse em conta a dimensão não só econômica, mas também social, ambiental e cultural do desenvolvimento estavam presentes em suas análises sobre os modelos de desenvolvimento brasileiro. O Estado moderno brasileiro, o nacional-desenvolvimentismo, o pensamento social e político brasileiro, a política de industrialização e o planejamento regional foram temas trabalhados por Costa Lima. O governo Vargas e sua política industrial e de modernização brasileira foi abordado por Costa Lima e aqui deixamos como referência ao leitor o livro por ele organizado: *Os boêmios cívicos. A Assessoria econômica - política de Vargas (1951-1954)*⁷.

Nas análises sobre as assimetrias regionais brasileiras e as desigualdades em nosso território, Costa Lima se mostrou atento aos estudos sobre planejamento regional. O Planejamento Regional, de acordo com Costa Lima (2011a), é uma temática diretamente ligada às teorias do desenvolvimento/subdesenvolvimento. As primeiras experiências de planejamento na América Latina aconteceram no pós-Segunda Guerra Mundial. No Brasil, ainda de acordo com Costa Lima (2011a), é a partir de 1959, com a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que podemos falar de iniciativas/ políticas de planejamento regional, puxadas pelo Estado Brasileiro, no intuito de dinamizar a região nordeste através de investimentos em infraestrutura e de uma política industrial ativa.

Consideramos que as reflexões sobre a questão regional brasileira são realizadas em paralelo ao entendimento do projeto de desenvolvimento encabeçado no país, portanto, as políticas regionais, ao longo da história, sofreram variações. Costa Lima esteve atento ao debate sobre a questão regional, tendo dedicado esforços já em sua dissertação de mestrado, defendida no ano de 1985, intitulada: *Nordeste Brasileiro: Tempos Modernos? Ideologia e Política na SUDENE*. O estudo sobre planejamento regional feito por Costa Lima foi realizado a partir da relação local, nacional e global e da compreensão da necessidade de pensarmos sobre o tipo e a qualidade do desenvolvimento que queremos para, então, poder almejarmos uma realidade mais inclusiva e democrática.

Suas análises sobre as regiões que estudou ao longo de sua caminhada acadêmica – seja o Nordeste Brasileiro, a América Latina

⁶ Uma das autoras do presente artigo possui graduação em Ciências Sociais e mestrado em Sociologia. O relato no corpo do texto sobre as disciplinas ofertadas por Marcos Costa Lima parte da vivência da referida autora como sua aluna e orientanda.

⁷ Livro organizado por Costa Lima (E-Papers/Centro Internacional Celso Furtado).

ou a Ásia – foram realizadas a partir da relação local versus global. As transformações do capitalismo e suas consequências do ponto de vista nacional, regional e mundial foram temas de seu interesse. Os estudos sobre a crise do Keynesianismo, as transformações do capitalismo na década de 1970 após o fim do padrão ouro e do choque de petróleo; bem como a crescente da ideologia neoliberal nos anos 1980, tendo como marco os governos de Reagan e de Margaret Thatcher; o Brasil e as consequências da modernização conservadora, a estagnação da década perdida, as consequências do Consenso de Washington e os efeitos perversos do neoliberalismo para países da América Latina como o Brasil, a globalização e seus efeitos em países periféricos, também foram temas trabalhados por Costa Lima. E aqui deixamos como referência para o leitor o livro seu intitulado *Região & Desenvolvimento no capitalismo contemporâneo*.

A análise do aprofundamento da desigualdade e pobreza na América Latina em tempos de globalização e de políticas neoliberais também foram evidenciados por Costa Lima. A sua inquietação diante da constatação do aprofundamento das desigualdades na região fez com que seu olhar e suas ações se voltassem para os efeitos da globalização em territórios periféricos. Em seu artigo *Desenvolvimento e Globalização na Periferia: o elo perdido*, Costa Lima (2007a) tratou, dentre outras questões, dos ataques sofridos pela América Latina nos anos 1980 com as diretrizes estabelecidas pelo Consenso de Washington – receituário com medidas econômicas estabelecido como forma de superar a crise na região. Aquelas diretrizes tiveram o aval de instituições como Banco Mundial e FMI, que, sob a luz da corrente neoliberal, propagou, por um lado, a concepção de que a atuação do Estado na esfera econômica se constituía num problema e, por outro, fez crescer as propostas de privatizações, liberalização interna e ajuste para região.

Costa Lima (2011a), em suas análises, entendia como problemática esse conjunto de medidas e fez duras críticas às diretrizes propostas pelo Consenso de Washington. Aqui destacaremos duas delas:

A primeira crítica ao Consenso de Washington, e talvez a mais gritante, é a completa omissão do problema da dívida externa como força motriz do déficit público nos países da região. (...) A segunda crítica ao consenso é a completa visão a-histórica, igualando países heterogêneos em termos de dimensão territorial, população, estrutura político-social e industrial, de sua base de recursos. (COSTA LIMA, 2011a, p. 159 -160)

Ao olharmos para a citação acima percebemos, na segunda crítica ao Consenso de Washington, à importância atribuída à história. Costa Lima tem assumida influência de Celso Furtado com quem compartilha a relevância da história e dos aspectos culturais nas reflexões sobre o desenvolvimento de uma nação ou região. Ele define Furtado como “um dos grandes pensadores brasileiros. Intelectual criativo, inquieto e radicalmente preocupado com os destinos do País, sua obra ultrapassa, vai além de seu campo específico de trabalho, a Economia” (COSTA LIMA, 2011a, p.109). Uma vez que tratamos ao longo do texto sobre a construção e trajetória do olhar de Costa Lima, pensamos que cabe pontuar nessas breves linhas que a aproximação dele com as ideias do economista Paraibano aconteceu na biblioteca do Dr. Oswaldo Lima Filho, pai de Marcos, que também era um leitor contumaz de Celso Furtado.

Em seu artigo *Cultura e pós-colonialidade: afinidades intelectuais entre Celso Furtado, Leopoldo Zea e os Subaltern Studies*, Costa Lima (2013) demonstra a importância da Cultura, do resgate da nossa identidade para então pensarmos no projeto de desenvolvimento que queremos para a região. Para tal, ele faz um paralelo entre os trabalhos do filósofo Zea, do economista Celso Furtado e de pensadores indianos que fundaram *Subaltern Studies* como Dipesh Chakrabarty, Partha Chatterjee e Ranajit Guha,

Todos eles falam de uma modernização ocidentalizada, do abandono da satisfação das massas, da forma autoritária de neutralizar a resistência dos excluídos, do desprezo pelas culturas locais, da dependência dos padrões econômicos e sociológicos estabelecidos. (...). (COSTA LIMA, 2013, p.202)

No exercício de vislumbrar um projeto de desenvolvimento mais democrático que contemple o conjunto da população e não só um grupo social restrito, Costa Lima (2013) assume a referência em Furtado, que trabalhou a dimensão cultural do desenvolvimento, e acrescenta que, assim como Furtado, o filósofo Zea, e pensadores indianos que fundaram *Subaltern Studies* trouxeram contribuições relevantes nesse sentido. Ao fazer referência a esses autores, Costa Lima demonstra compartilhar a ideia de que o resgate de nossa identidade, da nossa cultura faz-se necessário para, a partir daí, trilharmos caminhos contrários ao mimetismo cultural e à dependência de toda ordem.

As questões históricas e culturais também foram levadas em consideração nas análises de Costa Lima sobre as transformações

tecnológicas em tempos de globalização. Para o pensador, a questão tecnológica é um aspecto essencial nos estudos sobre o desenvolvimento. Os investimentos nessa área são importantes, sobretudo em tempos de globalização, que abre vantagens para quem lidera os processos de inovação e produção tecnológica. Entretanto, para Costa Lima (2007b), a questão tecnológica não deve ser reduzida à incorporação de alta tecnologia. “É uma ilusão acreditar que basta buscar informação, sem ter capacidade para aprender e dominar seu conteúdo e de transformá-lo no sentido da melhoria social e técnica da sociedade como um todo” (COSTA LIMA, 2007b, p. 5). A inovação e produção tecnológica devem ter como premissa melhorar a condição de vida do conjunto da população e não aprofundar desigualdades. Para tal, Costa Lima entende que o debate sobre a inserção de tecnologia de ponta em países periféricos como o Brasil e a Índia não podem ser pensados distantes do entendimento de que é fundamental que se invista em setores-chaves como educação e ciência.

A política internacional comparada era uma das temáticas de interesse de Costa Lima. O estudo comparado entre países e/ou regiões permitia a Marcos Costa Lima estabelecer pontos de contato ou distanciamento entre as regiões, além de visualizar caminhos alternativos para os territórios analisados. No estudo sobre Sistema Nacional de Inovação, Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs), deixamos como referência para o leitor os trabalhos: Índia e Brasil: entre o sono e o despertar. Será o crescimento desigual a única via? Suas análises e estudos sobre tecnologia e inovação eram feitos através da relação local/global, ao mesmo tempo em que não perdia de vista a dimensão cultural, social e as características históricas de cada país ou região analisada, como podemos observar em seus textos ou pesquisas realizadas.

No âmbito do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Região e Desenvolvimento (D&R), foi desenvolvido no período de 2009-2011, através do financiamento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), o projeto intitulado: Inclusão digital em Pernambuco: políticas em perspectiva comparada, em que um estudo comparado sobre o estado da arte das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em alguns municípios de Pernambuco foi realizado. Ainda que o projeto focasse na realidade local, ele tocou na realidade da inovação em outros países, pois, como de costume, Costa Lima utilizava estudos comparados. Dois seminários aproximando pesquisadores e sociedade civil foram realizados como fruto do projeto.

O aprofundamento das desigualdades na América Latina, no contexto da mundialização, da globalização, fez Costa Lima direcionar seu olhar e reflexões para a região. O processo de integração regional, o Mercosul, foi tratado e por ele abordado na sua tese de doutorado intitulada: O MERCOSUL no Contexto da Nova Ordem Mundial. Em DEMOCRATIZAR PARA INTEGRAR: os impasses e as possibilidades de participação social no MERCOSUL, Costa Lima (2011b), de início, já nos apresenta indicadores sociais que demonstram o aumento do nível de pobreza na região no recorte temporal de 1980 a 2001, que ele atribui em grande medida as políticas neoliberais do Consenso de Washington. E nos chama a atenção que as reflexões sobre um processo de integração devem acontecer levando em consideração as questões sociais que operam na região e na compreensão de que os países envolvidos no processo de integração regional têm diferenças no patamar do desenvolvimento.

As políticas de privatizações, ajustes, todo o pacote neoliberal que em seu trabalho Costa Lima (2011b) chama de 30 anos de hegemonia neoliberal, fez com que as sociedades latino-americanas reagissem, fazendo a opção por governos que estivessem mais atentos e abertos a investir nas relações Sul-Sul, na retomada das políticas sociais e de tocar com mais interesse o processo de integração regional (COSTA LIMA, 2011b). No Brasil, a eleição de Lula representa um exemplo desse movimento que refletiu também uma amplitude na visão sobre a integração regional pensada para além dos aspectos econômicos. Ainda de acordo com Costa Lima (2011b) – que foi presidente do Fomercosul –, a criação da Unila seria um exemplo nesse sentido, incentivada sobretudo pelo governo brasileiro. Neste trabalho sobre o Mercosul, ele toca na necessidade de uma maior participação social, de uma agenda social que estivesse em destaque para uma melhor efetivação de uma política de integração regional.

A crise financeira global de 2008 demonstrou mais uma vez as falhas de mercado e os limites do capitalismo. Iniciada nos Estados Unidos, a crise vai impactar de forma diferente os países do globo. De acordo com Costa Lima (2013), a crise teria afetado diretamente os países centrais, provocando o aumento de desigualdades e desemprego estrutural, mas em países emergentes, como a China e o Brasil, seus efeitos teriam sido distintos.

No século XXI, a China torna-se uma importante compradora de commodities brasileiras. Segundo Costa Lima (2015), em 2005,

a China passou a ser o principal parceiro comercial do Brasil superando os Estados Unidos. Em seu artigo, Um dragão nos trópicos, Costa Lima trata das trocas entre Brasil e China mostrando que o Brasil tem exportado mais commodities e importado produtos de maior valor agregado. Além disso, ele nos mostra que a presença Chinesa na América do Sul também altera a dinâmica das relações comerciais do Brasil na Região, tendo em vista que na América do Sul é onde se destina as manufaturas brasileiras de maior valor agregado. Por outro lado, ainda de acordo com Costa Lima, se o Brasil se colocasse de maneira mais assertiva, poderia ter maiores benefícios na sua relação com a China

Nós poderíamos aproveitar da China a vantagem e expertise que construíram nas infraestruturas portuárias, mas também rodoviárias e, sobretudo, ferroviárias. Eles têm capacidade de investimento, e nós temos reserva em petróleo, o que lhes interessa fortemente. (...) (COSTA LIMA, 2015, p.258)

Costa Lima (2015) entende que o Brasil, assim como os demais países da América Latina, pode e deve aprender com o desenvolvimento Chinês, pois, se o Brasil não implementou uma regulação efetiva quando da abertura ao capital internacional – tornando-se em grande medida dependente dele –, no caso da China, a regulação do Estado nos processos econômicos acarretou em um desenvolvimento mais propositivo. E o olhar atento às questões sociais fez com que Costa Lima despertasse seu interesse para o desenvolvimento Chinês que, em um curto espaço de tempo, diminuiu a taxa nacional de pobreza de “84,0% em 1981, para 13,1%, em 2008, retirando mais de meio bilhão de pessoas da extrema pobreza” (COSTA LIMA, 2015, p. 247).

Os avanços nos indicadores de educação e saúde também chamaram a atenção de Costa Lima, para o desenvolvimento chinês, bem como a questão ambiental – o que para ele se constituía em uma temática de extrema relevância. Em seu artigo Um Sopro de Esperança: Xi Jinping e a Civilização Ecológica, Costa Lima (2021) demonstra sua preocupação com a crise ambiental e a necessidade de um maior comprometimento dos líderes mundiais nesse sentido, mas alerta que, na prática, poucos são os que efetivamente incluem nas agendas diretrizes assertivas frente à questão ambiental. Assim, Costa Lima via com esperança as iniciativas da China com Xi Jinping a colocar na agenda e planos a questão ecoambiental rumo a uma civilização ecológica.

O aquecimento global, a falta de iniciativas propositivas dos governos frente a essa questão ambiental, bem como as consequências do consumo desenfreado – dentro da lógica capitalista e os impactos ao meio ambiente –, as desigualdades sociais e sua relação com a crise ambiental foram temas que Costa Lima se dedicou com afinco. E aqui deixamos como referência para o leitor os artigos:⁸ A Incapacidade Humana de Lidar com a Crise Ambiental; Fome, Crise do Aquecimento Global e desigualdades no campo.

Em 2016, ele assumiu a coordenação do Instituto de Estudos da Ásia da UFPE⁹. No âmbito do então IEASIA, foi realizado o seminário sobre Estrangeirização de Terras e Segurança Alimentar e Nutricional e, como fruto desses debates, foi publicado um livro sobre a temática, envolvendo, como de costume no trabalho de Costa Lima, a parceria com pesquisadores de programas diversos de pós-graduação.

Costa Lima dedicou-se a temas que merecem nossa atenção dado a sua gravidade, como a estrangeirização de terras, a grilagem e sua relação com a crise ambiental e a expulsão de povos que têm uma relação respeitosa com a terra, como os povos originários. Além disso, Costa Lima e Oliveira (2019) nos mostram que, em um contexto de crescentes desigualdades sociais, os impactos da crise ambiental recaem de maneira mais incisiva nas populações mais pobres, culminando em fome e insegurança alimentar. Deixamos como referência ao leitor o livro Estrangeirização de Terras e Segurança Alimentar e Nutricional. Brasil e China em Perspectiva, no qual Costa Lima escreve em parceria com Oliveira a apresentação e o capítulo intitulado Land Grabbing, Fome e Meio Rural: Brasil e China e o artigo Vocês conhecem o termo MATOPIBA?. Neste último, Costa Lima (2018b), mais uma vez mostra os ataques à soberania nacional com o processo de financeirização de terras no cerrado brasileiro e ainda alerta para os efeitos perversos da monocultura de commodities, ligada ao agronegócio na região, além da violência contra os povos tradicionais da área.

Nesses trabalhos, Costa Lima seguiu direcionando seus esforços e ações para a defesa das minorias sociais, de uma política que atue no combate às desigualdades sociais – que em boa medida é causada e alimentada pela concentração de terras. Além das preocupações com a Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional, a defesa das águas e terras como fonte de vida e não como mercadorias, a defesa de uma vida digna, do direito ao desenvolvimento das potencialidades humanas sem que se perdesse de vista a coletividade, a terra, nossa

⁸ Marcos Costa Lima publicou esses e tantos outros artigos sobre a questão ambiental na Revista Jornalismo e Cidadania em que era um dos editores. Link: <https://issuu.com/revistajornalismoecidadania>

⁹ O IEASIA, junto com mais três outros institutos, atualmente faz parte do Centro de Estudos Avançados da UFPE, como a coordenadoria de Estudos da Ásia

casa comum.

Em suas preocupações mais recentes, entrelaçadas às preocupações com a temática da Ecologia e dos Ecossistemas, visitou os pensamentos de Ailton Krenac, indicando a possibilidade de construir reflexões sobre “nossa casa comum”, em diálogo com o pensamento de Fritjof Capra, que, ainda dos Anos 70 e 80 do século XX, escrevera os livros *A visão sistêmica da vida* uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas; e *A Teia da Vida*. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.¹⁰

Os temas e trabalhos desenvolvidos por Costa Lima que tratamos ao longo deste capítulo demonstram seu interesse legítimo em agir e refletir sobre a superação das desigualdades sociais. Em nós permanece o desejo de que tenhamos conseguido evidenciar que o olhar humanizado de Costa Lima se potencializou ao longo da sua trajetória profissional e de vida, no exercício de cada tema pesquisado e nas relações interpessoais através de características tão suas como a gentileza, boa capacidade para o diálogo e o respeito ao outro e ao livre pensar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensibilidade e o interesse nas questões sociais presentes em Marcos Costa Lima o impulsionaram a refletir e a agir no enfrentamento das desigualdades sociais de toda ordem. O respeito à “nossa casa comum”, a defesa aos direitos humanos e de uma vida digna às pessoas são exemplos disso. A construção desse olhar, como vimos, se deu já em suas vivências no âmbito familiar, uma vez que Costa Lima tinha em seu pai, Dr. Oswaldo Lima Filho, referência na busca por soberania nacional, pela defesa da democracia, pela desconcentração fundiária e pela redução das desigualdades.

O ensino e a pesquisa foram os instrumentos escolhidos por Costa Lima no enfrentamento às desigualdades sociais. Os temas pesquisados, os cursos ministrados, os artigos publicados, os livros escritos e/ou por ele organizados, nos revelam a sua dedicação nesse sentido. Ao longo do texto, tentamos evidenciar esse olhar em seus trabalhos como professor e/ou pesquisador. E aqui é válido ressaltar, o entendimento dele de que a Universidade Pública deve estar a serviço da sociedade. Ela deve ser pensada como um espaço de construção, de debate de ideias e de democratização de conhecimento. Essa compreensão fez com que Costa Lima se distanciasse do ego que assola os espaços de poder. A via escolhida por ele na sua atuação na Academia era de abertura ao diálogo, de respeito ao livre pensar, de escuta sincera, fazendo com que o espaço de construção coletivo de conhecimento fosse saudável e propositivo.

A vida de Costa Lima nos revela um ser que experienciou o mundo com sensibilidade social, capacidade criativa e respeito aos valores humanos “Até a última sílaba do tempo” – título de um de seus poemas. A ausência física de Costa Lima torna-se ainda mais sentida quando lembramos da sua sensibilidade assumida na maneira de ser e estar no mundo. Mas, pensamos que as suas ações seguem ressoando e o seu entendimento de mundo, expresso no seu olhar, segue como referência a quem, como ele, acredita que uma realidade mais justa e humana seja possível.

REFERÊNCIAS

BRYM, Robert; LIE, John; HAMLIN, Cynthia Lins; MUTZENBERG, Remo; SOARES, Eliane Veras; SOUTO MAIOR, Heraldo Pessoa (2008).

Sociologia sua bússola para um novo mundo. São Paulo: Cengage learning.

COSTA LIMA, Marcos (2021). **Um Sopro de Esperança: Xi Jinping e a Civilização Ecológica.** *Jornalismo & cidadania*, Recife, nº 43, p.13-14. Disponível em: <<https://issuu.com/revistajornalismoecidadania/docs/jornalismoecidadaniaago21-compactado>>.

Acesso em: 15/08/2022

_____. (2018a). **Opinião Pernambuco - “América Latina: Continente em Conflito.** You tube, 17/10/ 2018. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=Wp03wITa8nU>>. Acesso em: 22/08/2022

_____. (2018b). **Vocês Conhecem o Termo MATOPIBA?.** *Jornalismo & Cidadania*, Recife, nº 24, p. 20-21. Disponível em:<<https://issuu.com/revistajornalismoecidadania/docs/n24jc>>. Acesso em 22/08/ 2022

_____. (2015). **Um dragão nos trópicos.** In: SOUZA, Pedro de. (org) *Brasil, sociedade em movimento.* São Paulo: Paz e terra. p.247-261

¹⁰ Os livros podem ser encontrados pela editora Cultrix.

- _____ (2011a). **Região & desenvolvimento no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Unesp.
- _____ (2011b). **Democratizar para integrar: os impasses e as possibilidades de participação social no MERCOSUL**. In: AVILA, Carlos Frederico Domínguez; ROSA, Renata de Melo (Orgs). América Latina no labirinto global : economia, política e segurança. Curitiba: CRV. p. 51-74.
- _____ (2013). **Cultura e pós – colonialidade: afinidades intelectuais entre Celso Furtado, Leopoldo Zea e os Subaltern Studies**. In: D' AGUIAR, Rosa Freire. (Orgs). Celso Furtado e a dimensão cultural do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado.p. 191-213.
- _____ (2007a). **Desenvolvimento e globalização na periferia: o elo perdido**. Perspectivas, São Paulo, v. 32, p. 15-46. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/978/841>>. Acesso em: 16/ 09/ 2022
- _____ (2007b). **Índia e Brasil: entre o sono e o despertar. Será o crescimento desigual a única via?**. In: 1º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais, Brasília. Anais do 1º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais Transformações na Ordem Internacional na 1ª década do Século XXI. Brasília: ABRI. v. CD ROM.
- _____ (1998). **O MERCOSUL no Contexto da Nova Ordem Mundial**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- _____ (1985). **Nordeste Brasileiro: Tempos Modernos? Ideologia e Política na SUDENE**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985.
- _____ (1981). Cidade de Sítio 1977/1978. **Revista Trimestral Vidas Secas: realidade, cultura e o escambau**, Recife, ano 1, nº3, p. 47-50.
- COSTA LIMA, Marcos; OLIVEIRA, Eduardo Matos (2019) (orgs). **Estrangeirização de terras e segurança alimentar e nutricional: Brasil e China em perspectiva**. Recife: FASA, 2019. E-book. Disponível em: <<http://www.centrocelsfurtado.org.br/arquivos/image/201906171241040.Estrangeiriza%C3%A7%C3%A3o%20de%20Terras%20e%20Seguran%C3%A7a%20Alimentar%20e%20Nutricional.pdf>> Acesso em: 21/08/2022
- LIMA FILHO, Oswaldo (1993). **Política Brasileira 1945-1990: uma visão nacionalista**. Rio de Janeiro: Paz e terra.
- MONTEIRO FILHO, Armando (2001). Prefácio. In: SILVEIRA, Sérgio Augusto. Oswaldo Lima Filho: **ação política na trincheira nacionalista**. Recife: Assembléia Legislativa.